

12ª edição



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

DF
DI

L • E • T • R • A • S

SUPLEMENTO CULTURAL ANO I Nº 12 Brasília, 30 de junho de 1994

**Idéias,
Imagens,
palavras**



Encarte especial
Os poetas

Felipe

História de uma Fazenda:

A "Bagagem" de Corumbá de Goiás

□ Ramir Curado

O viajante que seguindo pela Estrada Real deixava Corumbá rumo a Meia Ponte, deparava a certa altura com uma imponente fazenda, cujo nome derivava do ribeirão que banhava as suas terras férteis: Bagagem. E se este peregrino, conhecedor da hospitalidade goiana resolvesse ali pernoitar, poderia ouvir à luz do lampião, e entre um gole e outro de café ali mesmo produzido e torrado, a história dessa fazenda que aqui narraremos até a atualidade.

O Sargento-Mór colonial

O primeiro proprietário do Sítio da Bagagem foi, segundo a tradição, o Sargento-Mór Antônio José de Campos. Nascido nos primórdios do século XVIII na Freguesia de Santo André da Vila de Castelo de Ferreira de Avis em Portugal. Aos trinta anos de idade ele deixou o lar de seus pais, Antônio de Abrunhosa e Isabel de Almeida para "fazer-se ao mar", indo em busca das ricas jazidas auríferas cujo roteiro recebera dos irmãos Mafra e que situavam-se no interior do Brasil, na bacia de um rio que os nativos da terra chamavam de "Corumbá". Tendo chegado ao distrito corumbaense provavelmente em 1734, pouco tempo depois Campos descobriu ouro no Ribeirão Bagagem, tributário do Corumbá, junto ao qual



erigiu uma casa residencial de "3 lanços" e "4 águas" que media aproximadamente 18 metros de frente por 25 metros de lado e em cujas paredes de pau-a-pique havia portas de gonzo com 2,30 m de altura. Ao lado edificou também as senzalas para os cativos.

Defronte a casa-grande Antônio José instalou um engenho movido à tração animal, uma vez que além dos garimpos de ouro, ele possuía nesse sítio uma plantação de cana-de-açúcar como atividade econômica suplementar. Aliás, a tradição afirma que Antônio José era um em-

presário extremamente dinâmico, levantando sempre de madrugada para dirigir as suas múltiplas atividades. O Sargento-Mór possuía um físico atlético, uma vez que passava parte considerável do dia cavalcando seus cavalos, indo de uma propriedade para outra, já que chegou a

possuir 28 garimpos de ouro, sendo 26 no Distrito de Corumbá e dois em outros pontos do Julgado de Meia Ponte, um dos quais no longínquo Rio do Peixe.

Segundo a tradição, Antônio José de Campos possuía cabelos loiros, barba ruiva e olhos azuis, medindo 1,90m de altura, denotando-se claramente a sua ascendência visigótica. Era dono de um caráter enérgico, mas suas atitudes eram conciliatórias. Seus escravos eram todos batizados, e recebiam os últimos sacramentos no fim da vida, não havendo amasiados entre eles. Tendo erguido às suas custas a Capela de N. S. do Bonfim em Meia Ponte, para ela trouxe a imagem de Cristo crucificado vinda da Bahia juntamente com a imagem de N.S. da Penha de França, que doou para a capela de Corumbá.

Também em seus sítios preferidos Campos tinha suas capelas particulares. Eram eles o Sítio do Córrego Euzébia (Tapera Grande), o Sítio do Buraco, o Sítio Cachoeira do Corumbá (Salto) e o Sítio da Bagagem. O oratório desse último tinha um altar de madeira em forma de uma pirâmide de degraus cortada verticalmente ao meio, no qual ficavam diversas imagens entre as quais duas merecem destaque. A primeira delas é a N. S. da Conceição que possuía policromia em ouro e que segundo o Pe. André Wingen possuía "uma



Maria de Lourdes Abadia - PSDB

Um espaço inestimável

Vejo com muita emoção esta edição especial do "DF Letras", comemorativa, pelo transcurso de um ano de existência. Neste período foram editados artigos e entrevistas de valor cultural e político inestimável. O "DF" foi o primeiro jornal da Câmara Legislativa, abrindo um espaço inovador e resgatando, também, a História da Região Centro-Oeste. Ele estava

fazendo falta, num cenário brasiliense em que as iniciativas, na área naufragaram, frustrando muitas expectativas. As mais diversas opiniões foram amplamente divulgadas pelo jornal. A edição sobre a Lei Orgânica é digna de elogios, ficando gravada para a posteridade como um marco de nossa História política. Sob a responsabilidade da Coordenadoria

de Editoração da Vice-Presidência e a colaboração da Coordenação de Comunicação Social da Presidência — ambas da Casa —, o "DF Letras" esconde, no seu produto final, grande criatividade e capacidade de inúmeros funcionários abnegados em seu trabalho. Parabéns a toda a equipe pelo excelente serviço prestado não só ao Distrito Federal, mas também à cultura do País.

anatomia característica do alto barroco apresentando um conjunto muito harmonioso, devendo ser proveniente das escolas de escultura mineira". Isto nos leva a crer que tal imagem deve ter pertencido à sogra de Antônio, dona Maria Cerqueira D'Assunção, que era natural da Freguesia de N. S. da Conceição de Congonhas, Bispado de Marian, Minas Gerais e que chegou a Meia Ponte ainda criança, em 1732, junto com seu pai o tenente Clemente da Costa e Abreu, um dos primeiros moradores do solo meia-pontense. A outra imagem de grande valor existente nesse oratório era a de Santo Antônio de Lisboa, um dos padroeiros onomásticos de Antônio José, esculpida em madeira e de tamanho pequeno ela era guardada em uma caixa de madeira cilíndrica que lhe servira de embalagem durante a longa viagem de Campos, da sua aldeia portuguesa até o Distrito de Corumbá.

Antônio casou em 1756 com Ana Timótea Curado, filha do tenente José Gomes Curado e irmã de Joaquim Xavier Curado, então com 10 anos de idade. Joaquim ingressou depois na carreira militar e foi o primeiro goiano a conquistar o generalato, tendo ocupado diversos cargos públicos importantes como o de governador e de deputado por Santa Catarina. Xavier Curado teve ainda atuação decisiva no processo de independência do Brasil e recebeu o título de Conde de S. João das Duas Barras, Antônio José e Ana tiveram 12 filhos, um dos quais — Jeronymo José de Campos — manifestou ainda criança vocação para o sacerdócio, sendo por isso enviado para um seminário em Portugal. Porém quando já cursava teologia resolveu vir até Goiás para despedir-se de sua família já que pretendia ingressar na vida monástica em Portugal. Chegando em Meia Ponte aconteceu-lhe de ficar conhecendo uma moça chamada Bárbara Maria da Silva, filha do Capitão João da Silva Ribeiro, por quem se apaixonou e desistindo de sua vocação sacerdotal, com ela se casou no dia 30 de maio de 1787 na Igreja de N. S. do Rosário de Meia Ponte. Tinha Jeronymo 19 anos de idade e Bárbara 17 anos.

O Padre Reordenado

Jeronymo escolheu o Sítio da Bagagem como sede

principal de seus negócios e apesar de ter vivido na fase de decadência da mineração também dedicou-se a essa atividade. Tendo herdado do pai não só as características físicas — era alto, loiro e de olhos azuis — mas também o modo de agir equilibrado e as atitudes morigeradas e conciliatórias, é natural que tenha conseguido igualmente ser bem sucedido nos empreendimentos econômicos. Jeronymo possuía uma tropa com a qual importava mercadorias adquiridas no nordeste e no leste brasileiro, dedicando-se também, à semelhança de seu pai, ao comércio, demonstrando nas suas atividades econômicas o seu bom senso administrativo. Na Bagagem Jeronymo José manteve as plantações de cana e a produção açucareira e, ao que tudo indica, a produção aurífera, só que em menor escala.

Com a morte de Antônio José de Campos ocorrida a 3 de junho de 1795, o Sítio da Bagagem passou a pertencer de direito a Jeronymo. Antônio faleceu ainda lúcido aos 90 e poucos anos de idade, sendo seu corpo sepultado na Capela de N. S. do Bonfim em Pirenópolis. Na década subsequente o Sítio da Bagagem continuou a prosperar estando possivelmente no rol dos imóveis rurais exportadores de produtos agropastorais para outras localidades goianas, situados no Distrito de Corumbá, dos quais nos fala Silva e Souza em sua Memória Histórica. Um fato porém veio mudar a vida de Jeronymo. É que no dia 7 de novembro de 1805 sua esposa faleceu em consequência do 96º parto

que tivera. O viúvo, tomando essa morte como um castigo por não ter seguido a sua vocação sacerdotal, distribuiu os seus filhos com os seus irmãos e em 1807 ordenou-se padre, tendo exercido o paroquiato em Cavalcante. Mais tarde porém, regressou à Bagagem onde viveu os últimos anos de vida, tendo falecido a 9 de junho de 1840, sendo sepultado na Capela N. S. do Bonfim, Jeronymo possuía uma imagem do Menino Jesus com policromia em ouro junto a qual teve início a tradição da trezena de Natal que vai do dia 25 de dezembro até o dia de reis, imagem esta que ainda hoje é entronizada no presépio de suas trinetas em Corumbá.

As filhas de Jeronymo e Bárbara: Ana Inocência, Bárbara Maria e Antônia Mariana não se casaram, continuando a viver no Sítio da Bagagem até o fim de suas vidas. A Bagagem era então uma imensa propriedade rural só justificando ser chamada de sítio pela proximidade do arraial de Corumbá. Suas dimensões colossais podem ser vistas no Registro Paroquial organizado em 1856 no qual esse sítio foi o primeiro a ser registrado. Seu limite norte situava-se na vertente do Córrego de João Gomes no Ribeirão da Prata, e o sul 1,3 km abaixo no Ribeirão Balão. Porém sua maior extensão era no sentido leste-oeste pois enquanto que do lado do nascente terminava na confluência do Ribeirão Bagagem no Rio Corumbá (portanto dentro do limite suburbano do arraial de Corumbá), do lado do poente findava em um campo situado além do

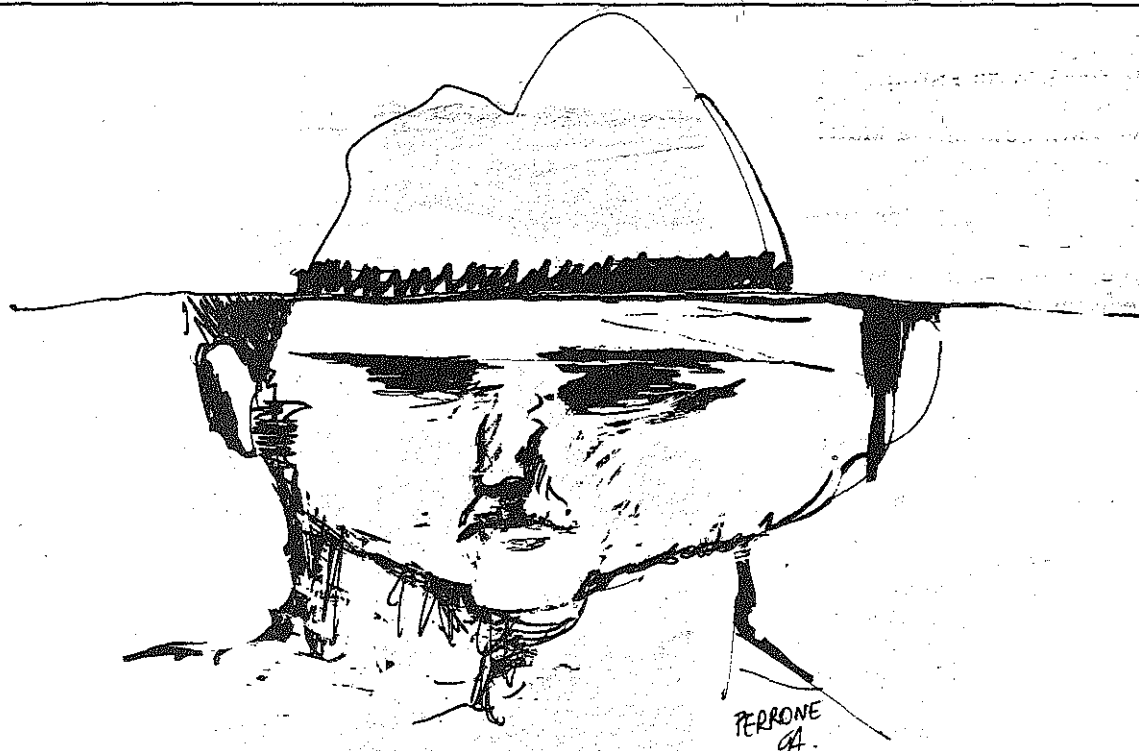
Mato Seco por onde passava a Estrada Real rumo a Meia Ponte e que distava 8 km do seu limite sul. Porém com a partilha dos bens imóveis do Pe. Jeronymo ocorrida após a sentença judicial proferida a 1º de dezembro de 1865 o Sítio da Bagagem sofreu uma grande redução em sua área e em especial nas terras situadas mais a Oriente, continuando entretanto a ser um imóvel com dimensões consideráveis.

As moças solteiras

Não sabemos a quem o Pe. Jeronymo confiou a direção da Bagagem quando abraçou a carreira sacerdotal. O certo é que a sua filha mais velha — Ana Inocência de Campos — a quem chamavam de Donana da Bagagem, tinha 10 anos quando da morte de sua mãe e somente alguns anos depois é que pôde assumir a administração desse imóvel rural. Na década de 1820 a Bagagem passou por uma crise econômica notada por Cunha Matos em seu "Itinerário", no qual fala da decadência do Engenho do Pe. Jeronymo. Tal situação que afetou na época outras fazendas goianas foi depois superada graças principalmente ao zelo e à visão administrativa de Donana. Esta moça era extremamente laboriosa iniciando as tarefas cotidianas às 4 e pouco da manhã. O resultado de tal esforço pode ser visto na "Conta dos Dizimos" do ano de 1854 no qual ela declarou possuir na Bagagem 2 poltrinhos, 3 bezerros, 6 alqueires de feijão e 100 alqueires de milho. Nessas lidas ela contava com o auxílio das suas duas irmãs e principal-

mente dos seus escravos que recebiam dela um tratamento digno, comparável ao dos camaradas e das criadas dos tempos atuais. Desses cativos sabemos os nomes de Manoel, crioulo, por ela adquirido em sociedade com suas irmãs em 1832; Gregório da Costa, Maria da Costa, Paulo Crioulo e Florinda Crioula que herdada de seu pai por ocasião da partilha dos bens semoventes e móveis em setembro de 1840; Maria, de cor parda, nascida em 1822 e Piedade, de cor parda, nascida em 1850 sendo que estas duas últimas foram vendidas em setembro de 1876 para César Augusto Gaúdie Fleury, esposo de sua sobrinha, a quem entregou no fim da vida a administração da Bagagem. Vale destacar que na mesma ocasião Donana vendeu a César outras duas escravas: Maria, de cor preta nascida em 1812 e Florinda, também de cor preta com 36 anos de idade, e que cremos ser as mesmas que constam "na folha de partilha" de 1840. Isto nos permite constatar que Maria da Costa aos 28 anos foi avaliada em 400\$000 e que aos 64 anos de idade o seu valor caiu para 200\$000 enquanto que Florinda com 1 ano de idade valia 100\$000 e aos 36 anos passou a valer 400\$000.

Muito religiosas, as três moças da Bagagem realizavam todos os anos a trezena de Natal em sua residência de Corumbá. Foram muitas as doações que fizeram para a Igreja Matriz de N. S. da Penha de Corumbá, cuja reforma e ampliação foi realizada por seu irmão caçula o Padre Manoel Inocência da Costa Campos, que em 1840 tornou-se o primeiro vigário da paróquia de N. S. da Penha. Entre as doações feitas por elas ressaltamos a lâmpada de prata para o Santíssimo Sacramento que Ana Inocência mandou fabricar no Rio de Janeiro e na qual foram empregadas 1.140 oitavas de prata, colocada no referido templo a 26 de fevereiro de 1856. Nesse mesmo ano foi entregue ao vigário Inocência o legado de Bárbara Maria de Campos, falecida no dia 22 de julho de 1854, no valor de 600\$000 e que serviu para custear metade do valor total da torre que este mandou erguer ao lado esquerdo da Igreja Matriz de Corumbá, sendo que o restante da despesa com essa construção foi custeado pelo próprio vi-



gário. É interessante notar que a doação de Ana Inocência importou em 602\$790, ou seja, quase o mesmo valor do legado de sua irmã.

Ana Inocência sobreviveu às duas irmãs mais novas em 25 anos, tendo, ao falecer, deixado todos os bens à sua sobrinha, afilhada e filha de criação de Maria das Dores Curado Fleury que era filha do seu irmão Comendador João José de Campos Curado e de Dona Ana das Dôres Fleury. Donana morreu no dia 22 de dezembro de 1879 aos 84 anos de idade e foi sepultada no Cemitério Paroquial de Corumbá de Goiás, tendo sido a última pessoa de sua irmandade a falecer.

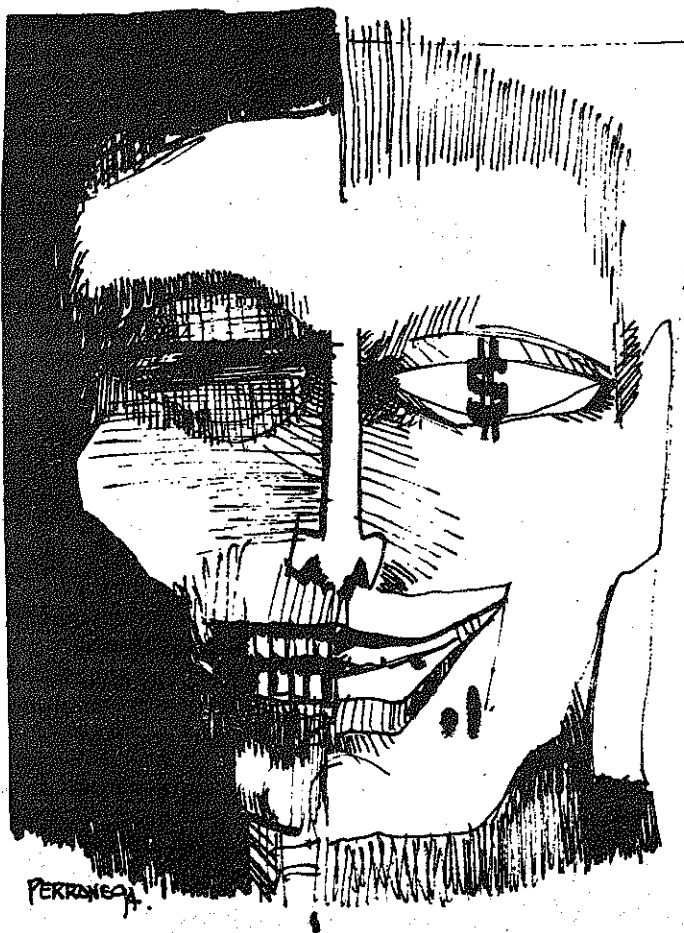
A herdeira e o primeiro César

A nova proprietária da Bagagem, Maria da Dores Curado, ali residia desde antes do seu casamento com o seu primo materno, César Augusto Gáudie Fleury, ocorrido na Igreja Matriz de N. S. da Penha de Corumbá no dia 12 de setembro de 1871, estando a noiva com 26 anos de idade. Maria das Dôres, que era chamada pelo seu de Dona Nenê dedicava-se aos serviços da Fazenda, sem contudo descuidar-se das leituras, tendo possuído na Bagagem uma biblioteca na qual havia principalmente obras sacras. Alguns desses livros chegaram às nossas mãos: "Respostas Concisas e Familiares Às Objeções Mais Vulgares Contra a Religião" de MGR de Ségur, editado em Portugal no ano de 1874 e ofertado a César em 1879 e o "Manual do Cristão" de Goffiné, editado no Rio de Janeiro em 1900 e adquirido por Maria das Dores no ano seguinte. Nenê foi membro-fundadora das Irmandades leigas do Apostolado

da Oração e da irmandade do Rosário da Paróquia de N. S. da Penha de Corumbá, para cuja Igreja Matriz doou uma imagem de São Domingos no ano de 1904, sendo que a referida imagem chegou a Corumbá alguns dias após o seu falecimento, ocorrido no dia 26 de junho daquele ano. Maria das Dores e César tiveram 6 filhos, sendo 4 homens e 2 mulheres, entre os quais César Dunstan e Ana Inocência que mais tarde administrariam, esse sítio.

A nova casa

No ano do falecimento de Donana, César iniciou a construção de uma nova casa-sede na Fazenda Bagagem. Essa nova edificação era bem maior que a casa construída por Antônio José de Campos que se encontrava muito estragada e apresentava as desvantagens de ser muito úmida e de situar-se num local muito baixo, tendo sido demolida posteriormente. A nova moradia iniciada por César em 1879 foi construída com adobes ali mesmo fabricados, possuindo telhado de quatro águas, sendo que os portais da frente e do oitão esquerdo possuíam vergas de arco abatido. O piso da sala era de tijolo e o da varanda assoalhado, havendo ainda cômodos com piso de terra batida e um saguão de lajes. Sua localização deveu-se ao fato de César querer fazer junto dela galpões para depósito e dois novos monjolos, uma vez que a casa velha possuía apenas um e o novo local, por ser mais alto, permitir o aproveitamento melhor da água para este fim. A nova fisionomia da Fazenda Bagagem foi assim descrita por um dos irmãos de Maria das Dôres, Antônio F. Curado em 22 de junho de 1881: "Estamos de falha



hoje na Bagagem. Tudo aqui está mudado completamente e muito tenho apreciado. A casa tem ótimos cômodos e é bem construída. O quintal é imenso e está bem plantado. O César tem trabalhado muito e fez na Bagagem velha uma transformação para melhor".

A principal atividade econômica implementada por César na Bagagem foi a cafeicultura, já que as terras desse sítio eram propícias ao plantio de café e esse produto era então o principal artigo de exportação do Brasil. Em 1884 ele exportou 95 arrobas de café para a capital de Goiás. César recebia também a colheita de outros cafeicultores para pilar, sendo

que em 1883 seu cunhado Francisco Herculano Fleury Curado enviou para a Bagagem 40 alqueires de café para serem pilados. Fleury tinha também atividades pecuárias em seu sítio e no lançamento de imposto sobre a Produção de Gado Vacum e Cavalares do Município de Corumbá, feito em 1891, vemos que os 15 bezerros e 5 poltros que possuía na Bagagem, colocavam essa propriedade como o 5º maior rebanho do município em ambas as categorias de animais de cria. Voltando a estudar a agricultura organizada por César Augusto na Bagagem, veremos que em 1904 sua produção cafeeira estava classificada em 28º lugar entre as 412

propriedades rurais do município de Corumbá que produziam tal gênero agrícola, e que correspondia a 10% da produção do maior plantador de café do município que, diga-se de passagem, tinha suas roças na Malícia, ou seja, numa parte da Fazenda Bagagem que fora vendida anos antes. Em 1905 havia onze mil pés de café no Sítio da Bagagem e a colheita encheu o pátio lajeado que servia para secar esse produto, para depois preencher totalmente as grandes tulhas nas quais o café ficava guardado até ser vendido.

Porém as atividades de César Gáudie não se limitavam à administração da Bagagem e das propriedades rurais que adquiriu no município de Pirenópolis. Tendo cursado o Liceu de Goiás até o 4º ano, César era também um homem culto e ligado à vida política, tendo sido eleito deputado provincial em setembro de 1889 e vice-presidente do Estado de Goiás em 1912. No âmbito municipal foi Juiz de Paz no tempo do Império e Presidente do Conselho de Intendentes no início da República, além de Intendente Municipal de Corumbá de 1907 a 1911, quando realizou importantes melhoramentos nessa cidade. Entre as múltiplas atividades de César Augusto é oportuno relembrar uma tropa de animais de carga para facilitar o escoamento da produção de sua fazenda e também para prestar serviços a terceiros, e que nesse último mister a sua tropa foi escolhida para trazer de Uberaba para Pirenópolis, e depois dessa cidade para o Torto, os apetrechos da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil. Diversos membros dessa comissão estiveram no Sítio da Ba-



**Benício
Tavares - PP**

DF-Letras é Canal de Difusão Cultural

A Câmara Legislativa do Distrito Federal, apesar de seus incompletos 4 anos, já é referência política, de cidadania. As eleições de 3 de outubro atestam este fato. A Câmara Legislativa, por outro lado, já está inserida no contexto artístico-cultural de Brasília, importante espaço físico para essas manifestações, foco difusor da mais autêntica cultura não só da cidade, como do Planalto Central que a acolhe. O **DF-Letras**, que comemora, com esta edição, o seu primeiro aniversário, é o instrumento incontestado disso, dando a esta Ca-

sa qualificação para sua missão de representar e lutar pelo engrandecimento da comunidade em que está inserida.

O papel que vem sendo desempenhado pelo **DF-Letras**, no entanto, transcende o aspecto cultural, quando lembramos que a Câmara Legislativa ainda prioriza a sua integração na sociedade que a recém recebeu. Mostra esta publicação que o universo e o campo de ação do Poder Legislativo é mais amplo que o político-institucional. O **DF-Letras**

significa a presença desta Câmara Legislativa na história do Distrito Federal e sua importância na formação e no fortalecimento das raízes de um povo que se forma como produto da união de várias culturas, como é o caso de Brasília, e de quem o **DF-Letras** já se consolida como seu instrumento de comunicação. Para quem tem uma missão tão significativa, as felicitações pelo seu primeiro aniversário devem vir traduzidas em manifestação do mais profundo respeito e admiração.

gagem, inclusive Luiz Cruls, que tornou-se amigo de César Fleury e com quem trocou idéias sobre a demarcação do local da futura capital do Brasil, local este que César visitou na sua companhia.

O segundo César e o auge da fazenda

Com o falecimento de César Augusto Gáudie Fleury ocorrido a 2 de abril de 1914, em pleno mandato de vice-presidente do Estado de Goiás e aos 65 anos incompletos, o Sítio da Bagagem passou para seu filho César Dunstan Curado Fleury então com 35 anos de idade. César — pai, foi sepultado no Cemitério de Corumbá, no mesmo túmulo de Donana da Bagagem e de sua esposa, César Dunstan que até aquela época trabalhava como tropeiro, mostrou à frente de sua nova tarefa um extraordinário senso administrativo, dando novo impulso à Bagagem, tendo inclusive reincorporado, através de compras, algumas terras que já haviam pertencido a esse imóvel. Sob a sua direção a Fazenda Bagagem transformou-se em uma verdadeira autarquia, produzindo todos os gêneros alimentícios de subsistência e ainda exportando grande quantidade de café ali produzido. Dunstan também dedicou-se à criação de gado tendo chegado a possuir um rebanho de 81 rezes bovinas, além de mulas, cavalos e suínos. Para se ter uma idéia do crescimento da produção econômica da Bagagem durante a administração de Dunstan pode-se comparar a classificação recebida no lançamento de impostos municipais em 1925, quando essa fazenda foi classificada como imóvel rural de 2ª classe e ficou em segundo lugar na lista dos maiores contribuintes rurais, pagando um imposto equivalente a 60% daquele devido pela fazenda colocada em primeiro lugar.

Em 1930, quando a Bagagem foi elevada a imóvel de 1ª classe seu proprietário pagou o mais alto imposto rural do município e sobrepujava a fazenda classificada em segundo lugar em 21%.

Dunstan também se dedicou às atividades políticas em Corumbá, ocupando os cargos de Vice-Intendente Municipal, Conselheiro Municipal, Juiz Distrital e Juiz Municipal. Foi ainda durante quase quatro décadas o chefe po-

lítico de Corumbá onde foi presidente do Diretório local do PSD, tendo chegado a ocupar a vice-presidência do diretório estadual desse partido e ainda a vice-presidência estadual do PSP. No início da década de 20 Dunstan, juntamente com o seu primo Antônio Felix Curado, promoveu a construção da primeira rodovia ligando Corumbá a Anápolis e a Pirenópolis, tendo mantido linhas de transporte de veículos para passageiros e cargas entre essas localidades durante 25 anos. Foi ainda o encarregado da construção do trecho da linha telegráfica situada entre Santa Luzia e Corumbá.

Como cristão, César Dunstan foi sempre assíduo nos deveres religiosos, tendo mandado fazer o atual cruzeiro colocado em frente à Igreja Matriz de Corumbá no ano de 1935, e também encabeçado, juntamente com o seu filho José Hercílio Curado Fleury e com os senhores João Paulino Gornes Parente e Dr. Alceu Galvão Velasco, o levantamento de recursos para o concerto do sino da Matriz de N. S. da Penha de sua cidade, que havia rachado. Assim como seu pai, integrou a Irmandade do Santíssimo Sacramento de Corumbá que fora fundada por seu tio - avô, padre Manoel Inocêncio da Costa Campos em 1847. Aliás, a tradição de se participar dessa confraria por parte dos antepassados de Dunstan começou com o seu pentavô Clemente da Costa e Abreu que em 1757 era o provedor da Irmandade do Santíssimo em Meia Ponte, da qual também participou o Padre Jeronymo, e João José, sendo que esse último tanto naquela localidade como em Corumbá, onde foi um dos primeiros integrantes. Dunstan foi

ainda vicentino, muito colaborando com o Asilo e com a pobreza em geral de sua terra.

Tendo casado em dezembro de 1908 com a sua prima ana Joaquina Fleury Curado que possuía residência em Corumbá, o casal teve oito filhos, sendo que o primogênito José Hercílio Curado Fleury diplomou-se em Direito no Rio de Janeiro, tendo exercido a advocacia em Goiás e em São Paulo e também cumprindo mandato de deputado estadual em Goiás. Chamado a exercer importantes cargos no governo federal, representou o Brasil por três vezes na Organização Internacional do Trabalho em Genebra, Lisboa e Madrid. Hercílio quando exerceu a função de Deputado Constituinte goiano no ano de 1947, liderou na Assembléia Legislativa a campanha pela mudança da capital federal para o Planalto Central. Dunstan conseguiu ainda formar o seu segundo filho — Sylvio do Rosário Curado Fleury — em medicina, tendo ele exercido sua profissão em Belo Horizonte onde ainda trabalhava prestando serviços médicos gratuitos ao Hospital da Previdência Social função esta que exerce há mais de 35 anos. Dedicou-se ele ainda à pesquisa histórica.

Apesar de sua família numerosa e dos serviços rurais e na casa da cidade, Ana Joaquina, que tinha o apelido de Senhorita quando solteira — não descuidava das atividades culturais, religiosas e sociais. Versada em línguas estrangeiras, cujas revistas e jornais recebia de seu irmão André Curado, Joa-

quina possuía um profundo conhecimento sobre a geografia da Europa Central. Também era apreciadora da história e da música, tendo ganho de seu esposo, no ano de 1912, um piano importado de Paris, trazido para Corumbá em carro-de-boi, no qual executava um vasto repertório musical. Integrante do Apostolado da Oração e da Irmandade do Rosário, doou para a Matriz de Corumbá uma imagem de N. S. do Rosário. Seu falecimento ocorreu em 25.8.1963.

Na administração do Sítio da Bagagem, Dunstan contou ainda com a decisão ajuda de sua irmã Ana Inocência Fleury Brandão — apelidada de Anita, com a qual repartiu, durante várias décadas, a administração da fazenda e a quem amparou nos momentos difíceis da vida. Dunstan faleceu a 9 de abril de 1951 e Anita em 1960. Através de seu inventário ficamos sabendo que César Dunstan deixou, entre outros bens, três currais, três pastos junto da casa e cinco ivernadas, sendo que o Sítio da Bagagem tinha então uma área de 1.150,80ha.

Sucedeu Dunstan na administração da Bagagem o seu filho Mario Curado Fleury, então com 33 anos de idade, sob cuja direção continuou a produzir café, açúcar, arroz e feijão além de produtos de origem pecuária, tendo porém de lutar contra a escassez e carestia de mão-de-obra.

Mário casou-se em 1958 com Ana Adairce Abrantes. Eleito vereador em 1966 pela Arena, exerceu mais outros dois mandatos, tendo ocupado a vice-presidência da Câmara Municipal de Corumbá.

Mário integrou a Irmandade do Santíssimo Sacramento e a Conferência de São Vicente de Paula e em 1949 foi Imperador da Festa do Divino de Corumbá, à semelhança de seu pai que no ano de seu nascimento — 1918 — exerceu a mesma função. Adairce sua esposa, foi sua constante companheira, tanto nos serviços rurais como na militância política, tendo ocupado a Secretaria de Educação Municipal. Seu falecimento ocorreu a 2 de janeiro de 1978 aos 42 anos de idade. Mário e Adairce tiveram 4 filhos sendo o primogênito do casal — José César Abrantes Curado — é hoje o proprietário da sede da fazenda.

Em fevereiro de 1987 o Sítio da Bagagem foi partilhado entre os herdeiros de César Dunstan dos quais hoje apenas 2 filhos — Mário e Alair — 3 netos: José César, Leonardo e Mário Celso, ainda possuem terras na Bagagem.

José César casou-se em 1986 com Rosimeire Ferreira Pio, tendo sido eleito no último pleito municipal vereador e em seguida, Presidente da Câmara Municipal de Corumbá, cargo que exerce atualmente, possuindo ainda na cidade uma máquina de beneficiar arroz. Sua esposa exerce atualmente uma das secretarias da Câmara de Vereadores e cursa o Colégio de 2º Grau de Corumbá. No que refere-se ao Sítio da Bagagem hoje com dimensões bem reduzidas, José César possui plantação de hortaliças que destina à comercialização local e criação de gado leiteiro.

A Fazenda Bagagem onde existiam ricos e prósperos garimpos nos primórdios da formação de Corumbá e onde vicejou depois uma punjante agricultura de exportação, conserva a tradição histórica e política de várias gerações de corumbaenses ilustres. O velho casarão edificado em 1879 é um marco do desenvolvimento econômico de Corumbá de Goiás e deve ser preservado já que suas paredes guardam inúmeras recordações de outras épocas. E foi inspirado na sua infância passada nessa fazenda que Hercílio Fleury fez este soneto com o qual encerramos nossa crônica histórica:

“No Sítio Bagagem
No peito da noite
tristonho bate o monjolo
pilando saudade.”

